

"CRONOS OS ÚLTIMOS DIAS"

Divagações sobre a ideia duma Sociedade Industrial.

por Levi Duarte Malho

"Garde sans cesse Ithaque présent à ton esprit. Ton but final est d'y arriver, mais n'écourte pas ton voyage: mieux vaut qu'il dure de longues années, et que tu abordes enfin dans ton île aux jours de la vieillesse, riche de tout ce que tu as gagné en chemin, sans attendre qu'Ithaque t'enrichisse.

Ithaque t'a donné le beau voyage: sans elle, tu ne te serais pas mis en route. Elle n'a plus rien d'autre a te donner".

Constantin Cavafy — "Ithaque" (citado por Marguerite Yourcenar em "Sous le bénéfice d'inventaire")

"Le premier penseur fut sans nul doute le premier maniaque du **pourquoi**. Manie inhabituelle, nullement contagieuse. Rares en effet sont ceux qui en souffrent, qui sont rongés par l'interrogation, et qui ne peuvent accepter aucune donnée parce qu'ils sont nés dans la consternation."

E.M. Cioran — "De l'inconvénient d'être né".

"Mon simple cheminement suscite l'irritation, voire la haine du propriétaire qui me voit pénétrer dans ses terres et qui croit que je vais y planter ma tente. Détrompez-vous, vous qui vous précipitez sur vos tromblons ou qui envoyez vos disciples à mes trousses; je suis nomade, je ne fais que traverser vos pelouses.

Edgar Morin — "Science avec conscience".

"Coisa alguma me explica: os meus vícios e as minhas virtudes são absolutamente insuficientes para isso; a minha felicidade fá-lo melhor, mas com intervalos, sem continuidade, e sobretudo sem causa aceitável. Mas repugna ao espírito humano aceitar-se das mãos do caso, não ser mais que o produto passageiro de probabilidades a que nenhum deus preside, sobretudo, não ser ele próprio".

Marguerite Yourcenar — "Memórias de Adriano".

I) "HOJE" — deriva sobre um Tempo presente (1).

Porque a experiência directa parece a mais eficaz de todas, julga-se que aquilo que vivemos, os acontecimentos e paisagens que nos rodeiam sempre são aqueles que menos dúvidas levantam. Pois não o testemunhamos nós lendo os jornais que de toda a parte nos chegam? E todavia, logo aqui nos confrontamos com a primeira surpresa, a árvore esconde a floresta, o excesso informático torna-se indigerível, tudo cai na vulgaridade, na equivalência da notícia que antecede notícia e segue notícia, do leitor-espectador que tem de ir para ali ou acolá que já é tarde e amanhã pensa nisso com mais tempo! Só que amanhã é um duplo de hoje 24 horas depois, os gestos e atitudes sucedem-se no "travesti" da novidade, anda-se para a frente deslocando-se para o lado. O Quotidiano é um vértice, um espaço-tempo pleno de sons e luzes, de mensagens-ruídos, panóplia infinda de "singos-sinais" (2) que devoram corpo e alma neste frenesim anunciando paraísos no limiar da barbárie! O que é **verdadeiramente importante hoje** é algo que só se pode analisar a partir dum ponto do Tempo que ainda não existe, dum "topos" situado no Futuro (mês que vem, ano que vem, milénio que vem, sabe-se lá...). A caixa-alta da imprensa, da T.V., é um "fait-divers" daí a uns dias, o anonimato absoluto daqui a uma década (3). Mas então nada acontece de definitivamente original na repetição das horas, na trama do Quotidiano? Provavelmente sim, e além talvez algo **de novo** esteja a irromper, mas bem pode suceder que ninguém dê por isso ou, se der, lhe não atribua a mínima importância.

Já nos finais da década de sessenta, Henri Lefebvre chamava a atenção para este fenómeno paradoxal em "A Vida quotidiana no mundo moderno" quando, logo nas primeiras páginas desse livro, nos diz: "Suponha que tem na sua frente uma colecção de calendários a partir de 1 900. Dessa pilha extraia um deles ao acaso. (...) Depois, feche os olhos e com a ponta de um lápis assinale também ao acaso um dia qualquer (...) Procure agora saber o que se passou nesse dia semelhante a tantos outros (...) Portanto, dirigir-se-á à Biblioteca Nacional e consultará aí a imprensa (...) Encontrará factos diversos, alguns acidentes, as palavras proferidas pelos notáveis dessa época (...) Quase não encontrará nada que lhe permita prever (...) o que sobreviveu, o que permaneceu escondido nas profundezas do tempo. Debruçado sobre a imprensa e os jornais desse tempo não inteiramente distante, admirado pelos títulos familiares (...) pode agora começar a sonhar. Não se teria passado nada de especial nesse dia de que se não dá notícia? Pode imaginar que, nesse dia, um certo Einstein, completamente desconhecido, no local onde ele examinava em Zurique, as patentes de invenção, onde se encaminhava solitário sobre o ponto-limite entre o delírio e a razão, entreviu a relatividade. (4) Eis a fotografia "objectiva" do presente próximo que um jornal fornece, nada de significado necessariamente transmitido aos milhares de leitores com quem contacta.

Nunca, como hoje, existiu tanta informação disponível para o cidadão comum, mas também nunca foi tão difícil saber distinguir o essencial do accidental, discriminar a reverberação de superfície dos efeitos de fundo. Tanto olhar sem Ver, tanto ouvir sem Escutar, tantas ideias e conceitos sem Pensar! Porém, nunca estivemos tão perto dum salto civilizacional como agora (salto este que tanto pode ser para o pior, como para o melhor, entenda-se...), nunca as condições, os conhecimentos científicos e técnicos ao dispôr do Sapiens (5) foram tão propícios para que nos pudessemos libertar da barbárie da intolerância, do sofrimento inútil, da miséria injustificável. Contudo, a "consciência possível" (6) do homem médio numa sociedade industrial apresenta-se singularmente fraccionada, nas suas ideias "instamatic" para arquivar e ver mais tarde, prisioneiro dos limites invisíveis do Quotidiano, vivendo para chegar à Sexta-feira

seguinte e ao milagre do fim-de-semana, sonhado já com a saturnal onírica das próximas férias, a fim de "retemperar as forças para um novo ano de trabalho" ("sic vox populi"). E nem se discute esta mística do trabalho, esta penitência bíblica que pagamos "ad eternum" por ter provado o fruto amargo da árvore da Sabedoria, pois é preciso que o P.N.B. cresça custe o que custar, e quem não aguentar o ritmo é porque não está "bem" e o que precisa é de ser tratado. É exigido um poder de adaptação à novidade, ao último grito da moda, a milhões de seres humanos que nascem e foram educados num mundo que já se esvaiu completamente; as estratégias e conhecimentos que lhes foram dados tornaram-se obsoletas e inadaptaram-se, é-se "velho" cada vez mais cedo (em termos profissionais, entenda-se...), o jovem técnico com mestrado e tudo é a imagem-padrão que faz vender e andar para a frente esta axiologia "domplex", que nos acena por entre as fendas dos dias.

De vez em quando uma convulsão aqui e além, um rebate de consciência isolado e insignificante (7) como uma dôr de cabeça num fim de tarde de domingo, fazem estremecer as prateleiras deste simulacro de perfeição, deste lago de água morna mascarado de Cabo das Tormentas, desta ausência colectiva duma vontade de **Querer**, duma urgência inadiável de saber **Como**, perguntar para **Onde**, de interrogar sem fim nem piedade os céus silenciosos. Quando isso acontece (e acontece ainda tão pouco!) ficamos como aquele personagem de Dino Buzzati, em frente ao vazio sedutor e enigmático do Deserto dos Tártaros (8). Mas é aqui, é **exactamente aqui**, que a Filosofia redescobre o seu pulsar insolente e milenar.

Perguntar-se-á então! Mas que há para saber que ainda não se saiba ou se tenha perguntado? A resposta que apetece dar, a mais autêntica de todas, resume-se numa só palavra — "Tudo"!!

Naturalmente que nem a tudo se pode responder e é mesmo duvidoso que muitas questões possam chegar a ser efectivamente formuladas (9). Todavia, parece impossível que exista uma Cultura no sentido individual e colectivo que este conceito exige que não se interrogue sobre a sua origem e destino, sobre porque **é assim e não doutra maneira**. É urgente (apesar de nos podermos interrogar se não será inútil!) assumir o apelo que Paul Gauguin — esse desterrado da Europa por vontade própria — nos deixou num dos seus derradeiros quadros pintados numa ilha dos antípodas e que diz simplesmente "Qui sommes-nous? Oú allons-nous? D'oú venons-nous?".

Há aqui um terreno para a Filosofia, que não deve ser indiferente àquilo que de essencial existirá em cada um de nós. Este caminho é uma rede transfinita de bifurcações, de desvios, uma perene tentação de lhe responder duma forma sistemática e tranquilizadora, tão pouco adequada a teia de Penélope de que são feitos os sonhos e a História.

Para pensar sobre tanta coisa é preciso bem escolher os companheiros de viagem, sair da pequena concha, ouvir e atender às informações daqueles que, ontem como hoje, obedeceram a este apelo de absoluto que nos vem dos princípios do Tempo. À Filosofia cabe assumir metodicamente uma atitude de disponibilidade para com todos os outros ramos de saber, da Matemática à História, da Biologia à Poesia (10). Chegar-se-á por esta via a alguma parte? Valerá a pena este tracejado entre Prometeu e Sísifo?

Eis-nos perante questões às quais, por agora, não é possível dar desenvolvimento, a não ser através de simplificações apressadas, de reducionismos mais ou menos disfarçados, das mil e uma maneiras de "tapar o Sol com uma peneira"! Aqui, neste universo de questões-limite, trata-se de reflectir por aproximações sucessivas, por obsessivos retornos aos **pontos de partida-chegada**, na esperança sem ilusões de que uma brecha se abra na muralha impiedosa da nossa ignorância Essencial. Transformar o pensamento numa **estratégia de deri-**

vação, eis o que nos resta. Pensar tem secretas analogias com viajar, não à vista de costa, mas deixando as fronteiras que nos são familiares, procurando os ventos e marés deste universo sem fim, aguardando (ilusoriamente!) o dia em que reencontraremos a Itaca perdida de Ulisses.

II) — "ALGURES NOS SÉCULOS DA BRUNA" — deriva sobre um Tempo passado.

Centremo-nos por agora numa das questões fulcrais subjacentes ao mundo moderno, que consiste em deixar de parte por momentos a impressão indelével da sua omnipresença, de forma a tomar consciência da sua "infantilidade" (no sentido cronológico do termo), analisando alguns dos parâmetros que o estruturam na complexidade do processo histórico (ou "processos históricos"!), nomeadamente na correlação e articulações entre o modelo industrial aparentemente triunfante e outros modelos culturais e civilizacionais que o antecederam ou coexistem tolerada e envergonhadamente na sua periferia (1). Quer isto dizer que esta segunda grande "deriva" nos levará ao limiar da História ou, melhor ainda, a um esboço duma Filosofia da História.

Para aqueles que nasceram numa região do mundo na qual uma Sociedade Industrial e tecnológica se encontrava já implantada duma forma poderosa, a atitude psicológica mais provável é tomarem como "processo natural", como dado adquirido, aquilo que na sua dimensão mais profunda é um exemplo acabado de artificialismo e estratégia de sobrevivência global com menos provas dadas às arremetidas do Tempo. E todavia, à primeira vista, nada de mais seguro, de mais ousado, de mais satisfeito consigo próprio que uma tão espalhada auto-imagem feita de complacência narcísica deste exemplar modelo de sociedades "desenvolvidas"!

Porém, nas sociedades como nos seres vivos, o que prova a sua competência e a sua "endurance" não é a capacidade de espectáculo, de "one-culture-show", mas sim a sua durabilidade, as estratégias de adaptação à manutenção do seu biótopo, o equilíbrio concentrado e pendurável dum património global. Nesta perspectiva, os duzentos anos de mundo moderno e industrial nada provam, a História não é uma corrida de 100 metros mas uma prova de fundo e, mesmo ironizado com a metáfora dos "100 metros", não está ainda demonstrado que este singular atleta não acumule a glória de bater o "record" cósmico de tão bizarra correria, segundos antes de exalar o último suspiro e cair para o lado... Na verdade, nenhuma inelutável lei da Física impede que o Homo Sapiens tenha um destino análogo aos "diplodocus" e "ptedrolácticos" da Era Secundária.

Uma análise minimamente atenta de imediato revela que o modelo industrial é um poderoso efeito de superfície que se implantou nalgumas regiões do globo (particularmente no hemisfério Norte) (2) a partir dum tecido civilizacional cujas origens remontam à revolução neolítica, à emergência das Sociedades agrárias na periferia dos grandes rios. A ruptura deste universo camponês fez-se por fases distintas e em momentos diferenciados, raramente resultando de qualquer planeamento deliberado, adquirindo a sua lógica própria à medida em que se vão instituindo situações de facto que tornam progressivamente irreversível o arrastamento e adaptação das restantes formas de agir, pensar e sentir. Escusado será salientar que não é prudente procurar a Causa da revolução industrial e da correspondente implantação dos modelos sociais que lhes são correlativos (3). Aqui, como nos fenómenos históricos de grande amplitude, aglutinam-se movimentos de vai-vem, de avanço e recuo, de ordem-desordem, de acontecimentos singulares e situações banais que, mais do que uma aparente complicação, são antes a face invisível de níveis de complexidade imanentes aos fenómenos humanos globais, cujo tratamento científico é simultaneamente

o grande atractivo e a maior das frustrações para o investigador que trabalha em Ciências Humanas.

Grandes são as tentações de reduzir o complexo ao simples, aqui aplicando o pressuposto que toda a evolução manifesta vertentes uniliniars, sugerindo que o processo histórico é uma espécie de "one-way-street". Os modelos evolucionistas simplificados, apesar da sua grande operatividade no plano duma mundividência particularmente inteligível e racionalizadora, deixam em aberto questões residuais cujo alcance eventualmente põe em suspensão a transparência das explicações iniciais. A ideia duma História Universal na sua formulação mais corrente, é um terreno fecundo para exemplificar o ponto de vista acabado de expôr. Talvez se possa constatar neste campo uma situação análoga àquela que Claude Levy-Strauss tão lucidamente formulou ao propor o conceito de "etnocentrismo" (4). De facto, assiste-se a uma espécie de efeito de deslumbramento por parte do presente histórico que nos é mais próximo, sugerindo-se por vezes duma forma subreptícia a ideia de que toda a biogénese e antropológene se tem inscritas leis fatais cujo objectivo terminal é o de ir em preparando à distância os ingredientes constitutivos duma sociedade industrial que a si própria se coloca como paradigma dum Progresso que ela mesma define e veicula como a suprema mercadoria que lhe abrirá as portas da eternidade. Deste modo, lançam-se para as catacumbas dos compêndios, para as notas de pé de página ou para o silêncio integral todos aqueles dados que perturbam a boa ordem da lógica histórica, resumem-se civilizações e culturas de duração milenar em trinta ou quarenta páginas, de forma a chegar depressa ao "Egipto-Mesopotâmia-Pérsia, etc.", para de seguida nos deliciarmos com as "tricas e mechericos" da nossa pequena quinta europeia, que basta para encher oito dos dez volumes de tantas das nossas tão neutrais "Histórias Universais"!

A civilização que historiografia é simultaneamente a grande produtora de historiadores, o retrato objectivo da realidade humana multifacetada não poucas vezes se deixa atravessar por perspectivas auto-retratistas, a aparente neutralidade dos factos é uma das máscaras favoritas de que se reveste o discurso "logocrata" (5) duma Razão que se julga a favorita dos deuses que ela própria cria e incensa. É bom não confundir "História Universal" com "História recente dum Conquistador"; é bom lembrar que a aventura humana não tem 2.500 anos (dos gregos de Mileto até hoje) não tão pouco 10.000 anos (das fundações das sociedades agrárias neolíticas até hoje), mas que pode remontar até aos fins da era terciária, o que nos lança para cifras de tempo que se aproximam dos três milhões de anos (6). Aqui poder-se-á dizer que estamos perante o reino da não-escrita, da não-história ou do não-estado (7), mas uma coisa também é certa, pois é nesses túneis do Tempo que pacientemente se elaboram as transfinitas encruzilhadas que tecerão o Futuro ou, melhor ainda, as "n" modalidades futuríveis da historicidade.

Uma análise superficial que incida sobre estes longínquos arcanos, remete-nos para o terreno clássico da pré-história (e nem discutiremos aqui os pressupostos e fragilidades teóricas que este conceito envolve), para um mundo que para muitos se configura com a face da "barbárie", da "selvagaria" ou da primitividade. Porém, confrontamo-nos simultaneamente com a dificuldade de determinar unidades culturais nítidas e de grande escala, espaços civilizacionais globais homogéneos, parecendo antes que a imagem mais aproximada que nos é dado propôr sugere uma ideia de "dispersividade", "poli-centrismo", "diáspora antropológica", "diferenciação heterónoma" e "heterodoxia inicial"! No princípio em vez do Uno talvez esteja o Múltiplo, em vez do Simples a omnipresença do complexo (8).

Sugere-se aqui a hipótese segundo a qual a "autonomia", a "ortodoxia" e a "universalidade", podem ser o texto escrito por um Logos heterónimo, heterodoxo e particular que provisoriamente (definitivamente?) subsumiu no seu corpo histórico-civilizacional todas as "diferenças" que não resistiam à sua vontade de Poder ou à sua prática de conquista e sedução. Assim, à multiplicidade poli-cêntrica inicial seguem-se estádios de aglutinação, de fortes "campos" culturais dinamicamente centrípetos que mais cedo ou mais tarde acabam por constituir poderosos "centros" de Universalização voluntarista. Se um ou vários destes Centros (culturas) acede à fixação durável da memória através da escrita, então a sua Voz assume a dureza e perenidade do granito, uma História Universal está prestes a nascer! O "Outro" é transmutado em variações do "Mesmo", a Diferença lentamente se dilui em Repetição. No fim, (haverá mesmo um Fim?...), restam os "primitivos", as sociedades sub-desenvolvidas que é preciso trazer ao bom-caminho, ajoelhados todos diante desse grande Ídolo que se vislumbra no horizonte, dessa imagem holográfica dum destino que nada obrigaria ou compele a ser aquilo que é.

Todo este processo pode realizar-se naturalmente, isto é, sem consciência individual ou colectiva do alcance global que o seu próprio agir inevitavelmente implica. Uma dada sociedade, uma certa cultura, ao instituir práticas de apropriação ou de imposição do seu universo axiológico face a outras sociedades e cultura que lhe são "exteriores", não o faz por ser em si mesma "boa" ou "má", no sentido mais usual que a estas expressões se atribui. Todavia, pode acontecer que no decurso deste processo se tente teorizar a prática que vem a ser seguida e, tendo em conta que estes mecanismos se podem arrastar durante decénios ou séculos, neste caso é-nos facultado o acesso a pontos de vista objectivados (obras de arte, livros, actos jurídicos, comportamentos colectivos, etc.) capazes de revelarem singulares flutuações ao longo do tempo. No caso particular da cultura europeia são inúmeros os documentos que nos permitem desenvolver esta perspectiva, sendo possível distinguir ao longo dos últimos séculos — sobretudo a partir dos fins do período medieval — duas formas globais de auto-avaliação perante o "encontro" com outras civilizações, que vão do extremo duma boa-consciência total a uma má-consciência radical, sem deixar de passar por alguns cambiantes intermédios.

A má-consciência que acabamos de referir é particularmente visível após a grande crise que se abre a partir do fim da guerra de 19/4/18, com o desabar do triunfalismo típico da era vitoriana, com o esfacelamento do universo axiologicamente "exemplar" do Velho Mundo que se atolou irremediavelmente nas trincheiras e frentes de combate dum conflito que à partida ninguém pensaria vir a assumir as dimensões que efectivamente teve. A partir desta altura, a "inteligentzia" europeia acentua uma vertente nihilista (aliás, nunca plenamente ausente durante o século XIX), transitando dum pensamento descaradamente confiante característico da geração positivista, para perspectivas de dominante decadentista e pessimista (9), verdadeiro "ovo de serpente" que subjaz aos ritmos trepidantes e a alegria excessivamente suspeita dos loucos "anos 20"!

As embrionárias Ciências Humanas dão os primeiros e seguros passos em frente, a era dos conquistadores atingiu o seu momento crepuscular, Rimbaud e Gauguin há muito se fecharam num silêncio exemplar ou no grafismo impossível de "cavalos verdes", Zaratustra já não tem trinta anos e envelhece desafiando as vozes irreais dos ventos da Montanha. É um tempo de despojamento que se aproxima, uma hipótese para apreciar os Outros com um olhar diferente e novo, a hora de tudo recomeçar novamente. Os etnólogos discretamente partem para junto daqueles que a História fez seguir outros caminhos e aí ficam, meses ou anos, anotando, escrevendo, reflectindo sobre uma humanidade-outra

que lentamente se revela em facetas nunca imaginadas e que progressivamente põe em crise as ideias-feitas de "barbárie", "selvagaria" e "primitividade", durante tanto tempo vigentes como indesmentíveis evidências. Então se descobre o rasto de sangue que subjaz a toda a conquista, a irreversibilidade do crime que a arrogância de falsas vitórias sempre transporta. Culturas destruídas, civilizações milenares feitas em pedaços, deuses rasgados, obras de arte de incalculável valor perdidas para sempre, desertos de silêncio por trás das rotas de aventura triunfante. Eis o momento dos sentimentos de culpa e da má-consciência que tão frequentemente, nos indivíduos como nas sociedades, é porta aberta para rituais de auto-punição, para que os descendentes de um carrasco se auto-supliciem no pelourinho que lhes foi deixado em herança! Da ideologia da Conquista por "civilização" transita-se para o sentimento do crime etnocida, de santo a excomungado é tracejado que se pode percorrer em quatro séculos. Como tantos heróis gregos, chegou a altura da Europa visitar os Infernos...

Ao fazer o balanço final, constata-se que o processo histórico institucionalizador das modernas Sociedades industriais efectivou um mecanismo de "afunilamento" da pluralidade multi-cultural arcaica, que a maioria dos Homens está cada vez mais compelido a viver a mesma História (10), que uma das regras fundamentais da vida está a quebrar-se ao eliminar a maioria das alternativas globais (modelos culturais-existenciais) que essa mesma vida, num ainda incompreensível esforço de afirmação nequentrópica (11), pacientemente trouxe à luz do dia.

III) — "NEMROD, O ARQUITECTO" — deriva sobre um tempo Futuro.

"Não foram os nomes e os sons dados aos homens para que eles se alegrassem com as coisas? Que doce loucura a linguagem; falando, o homem evade-se e dança para lá das coisas.", assim se expressava F. Nietzsche num dos seus aforismos exemplares (1). Também para nós é tempo de reflectir para além do que está, de "dançar para lá das coisas" que nos são presentes, terreno favorito dos aprendizes de feiticeiro que todo o filósofo secretamente inveja.

Uma das concepções do Futuro que mais facilmente circulou nos grandes mass-média dos anos cinquenta-sessenta, era aquela que perspectivamente vislumbrava uma extrapolação das tendências de acelerado crescimento económico subsequente à segunda guerra mundial, no sentido da viabilização prática a médio prazo duma sociedade de abundância à escala planetária, espécie de paraíso tecnológico, Eldorado mítico finalmente atingido após milénios incontáveis de exílio, dependência, pobreza e medo. Naturalmente que esta ideologia satisfeita encontrava o seu terreno de expansão mais favorável nas regiões do globo em que o "bom" industrial se efectivava, pois em todos os outros casos (gérmenes do 3º e 4º mundo) só com muito boa vontade ou fazendo intervir os mecanismos do Desejo tal mundividência poderia encontrar um mínimo de fundamento! Era a época em que se perfilavam as teses dum crescimento indefinido e ilimitado da produção e consumo, o momento em que um Sapiens triunfante finalmente atingia o grande sonho do domínio da Natureza. Porém, em plena era de expansão, na altura mesma em que a maioria das concepções vigentes da análise sociológica não fariam prever grandes abalos neste oásis tranquilo, erguem-se aqui e além fenómenos imprevisíveis e inquietantes, que radicalmente questionam o universo axiológico dominante. Gostaríamos de salientar o caso muito especial da irupção do problema juvenil, por duas razões fundamentais. Em primeiro lugar, porque só uma profunda alteração nas estruturas sociais e familiares do mundo industrial poderia originar um problema que, em si mesmo, cem anos antes não faria sentido, pois nessa altura a criança e o jovem não tinham quaisquer hipóteses de se afirmarem como sub-grupo autó-

nomo no conjunto do tecido social. Por outro lado, a questão juvenil assinala um re-ordenamento sociológico em função de parâmetros etários que ultrapassam e pervertem todas as análises que se apoiavam predominantemente em vectores de enraizamento económico e social. Dir-se-á que tudo isto mais não é que o velho conflito de gerações! Mas também é verdade que é a primeira vez que ele ultrapassa a escala do universo familiar e micro-comunitário, para atingir uma envergadura inexplicável em termos clássicos. Que se passa então?

Entre outras coisas, poderíamos chamar a atenção para as seguintes: 1º) — O crescimento industrial e tecnológico exige uma cada vez maior escolarização, quer de nível básico, quer de nível superior, sem a qual o sistema não tem condições para se expandir. Logo, as taxas de frequência prologada na Escola tendem a aumentar significativamente nas Sociedades Industriais; 2º) — A consequência mais imediata deste fenómeno resulta numa diminuição do ascendente familiar sobre a criança e o jovem, em detrimento duma sólida constituição de grupos juvenis estáveis e permanentes ao longo do tempo, capazes portanto de escaparem à esfera da dominante axiológica do adulto; 3º) — A crise de confiança que se instalou no pensamento europeu e ocidental na sequência da segunda guerra mundial, teve um forte impacto no interior das concepções pedagógicas e na "imagem" que uma autoridade intra-familiar já não é capaz de assumir, sem um conjunto de reservas que frequentemente a bloqueiam; 4º) — A educação familiar e escolar tem crescentes dificuldades em fazer aceitar uma ética de sacrifícios e trabalho que lhe foi tão habitual, a gerações que se encontram poderosamente solicitadas para padrões de consumo e lazer que se lhe apresentam como objectivos bem mais gratificantes, tanto mais que a muitos destes jovens já não se coloca duma forma premente o problema da satisfação das suas necessidades de habitação, vestuário ou alimentação; 5º) — O natural desejo de afirmação e diferenciação sociológica do universo do adulto, a breve prazo pressionará estes grupos juvenis à criação de padrões de comportamento, de pensamento e de formas de estar no mundo e na vida que objectivamente lhes concretizem o "status" da sua diferença. Está então aberta a fronteira para a emergência duma sub-cultura juvenil que rapidamente se expandirá num terreno plenamente disponível; 6º) — Esta sub-cultura não tardará a afirmar-se nos seus sectores mais radicais como contra-cultura (2), contribuindo para reforçar num mecanismo de "feed-back" as regiões sociológicas que foram o seu berço de gestação. Quando tal se verificar, não tardarão as situações de confronto com os padrões comportamentais do adulto, que vão desde os signos do vestuário aos códigos-cifras duma linguagem só acessível a iniciados, desde os registos de comportamento afectivo-sexual até à provocação sacrílega dos grandes tábus estabelecidos.

Em resumo, uma inesperada crise social irrompe neste sector atingindo o seu apogeu a partir de 1965 nos E.U.A. e em 1968 na Europa, pondo em questão duma só assentada todos os valores que movimentavam como "grandes intocáveis" as sociedades industriais avançadas, opondo uma ética da "F.N.B." ("felicidade-nacional-bruta") aos imperativos do P.N.B.. Desde então até hoje este processo não se fechou, parecendo pelo contrário que o vírus da corrosão e dúvida tem silenciosamente alastrado a outros grupos sociais, contribuindo para criar um dos mais poderosos ingredientes que configura o "espírito do tempo" (3), tornando urgente o esclarecimento e meditação profunda implícitos na proposta duma "crisologia" que Edgar Morin nos sugere! Acrescente-se ainda que às questões levantadas por esta problemática juvenil, se aglutinam a partir dos inícios da década de setenta todos os parâmetros provenientes da desaceleração do crescimento económico global, resultante da crise dos combustíveis e matérias-primas, das pressões inflacionárias e do crescente desemprego. Uma vez mais tudo está em risco, o Futuro assume a face enigmática da Esfinge...

O que está em causa não se configura como sendo dasajustamentos conjunturais passageiros, parecendo antes uma crise estrutural dum modelo de desenvolvimento que se tinha assumido apostando na exclusiva dominante do crescimento económico como panacea milagrosa para a solução de todos os problemas (4). E mesmo que não discutamos por agora as aporias subjacentes à indiscutível correlação "crescimento-desenvolvimento", não poderemos deixar de salientar a tomada de consciência de alguns custos tidos como marginais que este processo de industrialização acelerada acaba por provocar. Quer dizer da distribuição dolorosa do universo camponês e do desenraizamento cultural e afectivo a que são sujeitas as gerações do pós-guerra? Que pensar dos ritmos de trabalho sombriamente repetitivos e inconscientes tão usuais em enormes estratos populacionais? E das cidades-dormitório habitadas durante o dia por reformados, velhos, doentes ou crianças? E da destruição dos locais de encontro, das áreas convivenciais por parques de estacionamento, "shopping-centers" ou "snack-bars" onde se come de pé, depressa e mal? E do aumento do consumo de tranquilizantes, dos inadaptados e neuróticos, do consumo maciço da psicanálise e psiquiatria? E da banalização do essencial contraposto à mística do supérfluo, da moda, da voragem do Ter como "ersatz" caricatural do Ser? E da degradação do meio-ambiente, da ausência dum horizonte visual que escape ao betão, da terra comprada em sacos nos supermercados? E a falta e depauperamento das terras aráveis, ao défices da produção alimentar, o uso desenfreado de recursos naturais limitados? Eis algumas das questões que, quer queiramos ou não, desde já demarcam as duas décadas que nos separam do fim do século.

A este propósito e na convicção de que ninguém dispõe da poção mágica capaz de esconjurar todos os males, sejam-nos permitidos os seguintes comentários: 1º) — Uma ideia que parece ser urgente reactualizar é a de **Limite**, isto é, a consciência de que nem tudo é possível ou, mesmo que eventualmente o fosse, pode não ser desejável; 2º) — Aliás, este conceito nem sequer se apresenta como original, pois está vigorosamente presente num dos mais distantes berços do Logos europeu e ocidental, a cultura grega pré-platónica, tanto na sua vertente filosófica como na sua dimensão mítica (5); 3º) — A possibilidade (ainda que não imediatamente iminente) duma ruptura irreversível ou demoradamente reversível do eco-sistema deve fazer-nos lembrar que está em nossas mãos a herança duma aventura humana milenar que não temos o direito de dissipar e destruir, mas sim o dever de ampliar e transmitir aos séculos dos séculos; 4º) — O homem e as sociedades humanas não são os proprietários da Terra, são uma das infindas variantes da cosmogénese e biogénese, um dos mais acabados efeitos da pulsão nequentrópica e criadora que a diáspora cósmica posterior ao "Big-Bang" (6) instituiu nos subúrbios duma galáxia vulgar 5º) — A ser assim, dificilmente sobreviveremos se não respeitarmos a infinita variedade dos animais e das árvores, das paisagens e dos lugares, das culturas e dos Homens!

Vivemos, sem dúvida, um presente de contradições, uma época em que tudo é possível, em que o pior e melhor se postulam no horizonte com probabilidade análoga de se efectivarem no campo da História. Se tivermos em atenção os inúmeros progressos reais que o conhecimento humano efectivou durante este século, os espantosos saltos em frente em incontestáveis domínios, deveremos estar conscientes quanto ao facto de nos encontrarmos numa época de mutações radicais, qualquer que seja o destino que nos reservam os deuses oraculares do Tempo. Apesar da realidade indesmentível da permanência de conflitos injustificáveis, da ameaça sempre presente duma guerra que abriria as portas de hecatombe final, nunca as sociedades e os homens tiveram ao seu alcance meios tão **positivamente eficientes** como os actuais, instrumentos

que nos permitiriam odiar indefinidamente o síndrome do Dilúvio, a lógica da estupidez e da catástrofe. Dir-se-ia que existem (em teoria) condições para refazer o projecto de Nemrod, o arquitecto bíblico que um dia sonhou a construção da Torre de Babel, imenso monumento à solidariedade e compreensão humana, desejo poderoso de unir o Homem aos Céus!

Haveria agora a possibilidade de levar até ao fim a obra que então foi interrompida na incompreensão das raças e na confusão das culturas, no desânimo e dor que acompanham os grandes fracassos. Uma Torre de Babel que nos ponha em ressonância com a mais rica das dimensões vitais na Cultura e Qualidade, contra as suspeitas, medos, impotências e crimes que toda a ignorância e intolerância sempre trazem dentro de si. O "Homo Sapiens" abriria a porta ao "Cosmo-Sapiens", a consciência global prevaleceria sobre a defesa mesquinha dos pequenos mundos. Como no mito grego de Cronos (7), em que só a astúcia permitiu a sobrevivência de Zeus e a ressurreição dos Olímpicos, filhos devorados pelo próprio Tempo que os gerou, também só uma inteligência criativa, livre e tolerante, poderá romper as cadeias duma servidão sem idade.

É preciso abrir de par em par as portas a uma consciência crítica que respeite o diferencialismo cultural, a uma sabedoria colectiva inspirada pelo amor à vida, a uma Escola que seja também capaz de divulgar os sectores de ponta do conhecimento científico. É a hora de todos tomarmos consciência de que estamos, para nosso bem ou nosso mal, nos derradeiros limiares do Tempo antigo, nos últimos dias de Cronos.

NOTAS

I) - "HOJE" - deriva sobre um Tempo presente.

1) - Assinale-se o facto de este texto, no seu conjunto, levantar questões que não são sujeitas ao desenvolvimento e discussão que sem sombra de dúvida mereceriam. Quer os apontamentos sobre alguns parâmetros que condicionam o Quotidiano, quer as observações que na segunda parte se produzem a propósito do "processo histórico", encontram-se obviamente dentro deste condicionalismo. Pede-se a compreensão do leitor para tudo aquilo que porventura gostaria de ver debatido e que este ensaio não aborda directa ou indirectamente.

2) - A expressão é adaptada do título da última obra de ficção de Virgílio Ferreira "Signo-Sinal", Bertrand, Lisboa, 1980.

3) - Já Alvaro de Campos, num dos poemas que abrem este heterónimo, dizia; "Duas vezes no ano pensam em ti/ Duas vezes no ano suspiram por ti os que te amaram,/ E uma ou outra vez suspiram se por acaso se fala em ti." Cf. Fernando Pessoa, "Poesias de Alvaro de Campos", ed. Ática, Lisboa, 1978, p.24.

4) - Cf. Henri Lefebvre, "A Vida no mundo moderno", tradução do francês por Jorge Alvarez, ed. Ulisseia, Lisboa, 1969, p. 9/10.

5) - O conceito de "Sapiens" é utilizado neste texto sem grandes discussões prévias. A adjectivação do humano é um problema deveras delicado e nenhuma definição simples se apropria (felizmente!) do essencial. Basta lembrar as designações de "Faber", "Ludens", "Economicus", "Sapiens-demens", etc., para constatar a dificuldade inerente a qualquer caracterização especificamente antropológica.

6) Cf. Lucien Goldmann, "A Criação cultural na Sociedade moderna", tradução do francês por João Assis Gomes e Margarida Sabino Morgado, ed. Presença, Lisboa, 1972, p. 8/15.

7) - Referimo-nos, como é óbvio, à média estatística dos "cidadãos comuns" e não aos inúmeros pensadores que desde sempre e com particular incidência nos últimos 40/50 anos têm chamado a atenção para as questões que temos vindo a levantar.

8) - "(...) Giovanni achou-se de repente em face do sistema de muralhas com ameias que rodeava a fortaleza: diante dele, inundado pela luz do poente, cavava-se o vale e abriam-se aos seus olhos os segredos do Setentrião. (...) Drogo perguntou então, sem mover os olhos:

- E por trás? Por trás daquelas rochas, como é? É tudo assim até ao fim? (...) No horizonte é costume haver uma neblina (...) É essa

neblina do Norte que não deixa ver nada.' Cf. Dino Buzzati, "O Deserto dos Tártaros", tradução do italiano por Fernando Moreira Ferreira, ed. Europa-América, Lisboa, 1963, p. 43/44.

9) — É nossa convicção que a "realidade" circundante, humana ou não, tem zonas de opacidade insusceptíveis de serem formuladas, que nos remetem para a possibilidade da presença de enigmas dificilmente concebíveis. Uma análise radical do problema das origens (do homem, da vida, do universo) imediatamente nos colocará face a situações desta natureza.

10) — Pensamos situar-se neste horizonte toda a obra de Edgar Morin, particularmente a linha de investigação subsequente à publicação em 1973 de "O Paradigma perdido — A Natureza humana" e que já se concretizou nos dois primeiros volumes de "La Méthode" (1. "La Nature de la nature"; 2, "La Vie de la vie"), obras que julgamos serem de capital importância para um novo posicionamento mental no domínio da integração crítica dum Saber disperso nas inúmeras áreas de conhecimento actualmente existentes.

II) — "ALGURES NOS SÉCULOS DA BRUNA" — deriva sobre um Tempo Passado.

1) — O conceito de sub-desenvolvido que tem uma carga axiológica dominante negativa abrange todas as sociedades que se afastam do modelo industrial dominante, sendo particularmente intenso relativamente ao modelo camponês pré-industrial.

2) — Não desenvolveremos aqui este ponto de vista, uma vez que ele é proposto como uma aparente evidência em termos globais. A propósito das questões envolvidas, sugere-se a leitura do admirável ensaio de John Kenneth Galbraith, "A Sociedade da pobreza", tradução do inglês por Alvaro de Figueiredo, Pub. Dom Quixote, Lisboa, 1979.

3) — O tema das "causas" do arranque da Revolução Industrial é duma enorme controvérsia, constituindo de por si uma sub-especialidade. Neste domínio, gostaríamos de lembrar, entre outros, os nomes de Jean-Pierre Rioux, E. Le Roy Ladurie, Pierre Léon, Paul Bairoch, W.W. Rostow, Arnol Toynbee, Pierre Goubert, etc.

4) — Cf. Claude Levy-Strauss, "Raça e história", tradução do francês por Inácia Canelas, ed. Presença, Lisboa, 1975, p. 21/22.

5) — A este propósito veja-se Sousa Dias, "Razão e Império", ed. Livraria Civilização, Porto, 1981, p. 7/18.

6) — Evidentemente que esta data (3 milhões de anos) não se reporta estritamente ao "Homo-Sapiens-Sapiens" que se julga não ter mais de 40.000 anos, mas sim aos elos perdidos da hominização que parecem manifestar comportamentos com acentuadas vertentes sociais, proto-culturais e proto-linguísticas.

7) — A propósito destes conceitos, veja-se a interessante obra de Pierre Clastres, "A Sociedade contra o Estado", tradução do francês por Bernardo Frey, ed. Afrontamento, Porto, 1979.

8) — Sobre este assunto assinale-se o prefácio da obra de Michel Serres, "Hermes IV — La Distribution", ed. de Minuit, Paris, 1977, p. 9/14 e o capítulo intitulado "L'Ordre et le désordre" do 1º tomo do trabalho de Edgar Morin, "La Méthode—La Nature de la nature", ed. Seuil, Paris, 1977, p. 33/94.

9) — Talvez que o exemplo-limite se possa dar com o movimento "Dada" que escandalizava a boa-paz de Zurique nos difíceis anos de 19/6/17, com as sessões poético-literárias do Cabaret Voltaire, onde participavam Tristan Tzara, R. Huelsenbeck e Hugo Ball.

10) — Efectivamente, parece que as culturas que entram na fase da Revolução industrial, tendem a atenuar o diferencialismo arcaico, substituindo-o por comportamentos padronizados que dificilmente distinguem o quotidiano de Tóquio do de Paris, o de Estocolmo do de Caracas.

11) — As organizações vivas parecem contrariar provisoriamente o 2º princípio da termodinâmica (entropia), pois à custa de uma informatização crescentemente estruturada dos seus mecanismos adaptativos, instituem "bolsas" neg-entrópicas no seio duma mais que provável tendência para a entropia global do Cosmos.

III) — "NEMROD, O ARQUITECTO" — deriva sobre um Tempo futuro

1) — Cf. Fred. Nietzsche, "Assim falava Zaratustra", tradução do alemão por Carlos Grifo Babo, ed. Presença, Lisboa, 1978, p. 233.

2) — A temática da contra-cultura está particularmente patente na "beat-generation" norte-americana, particularmente em J. Kerouac e A. Ginsberg.

3) — Esta expressão é o título duma obra de Edgar Morin, "L'Esprit du Temps" (2 volumes), Grasset, Paris 1962. Aqui se desenvolve um dos mais lúcidos ensaios sobre os parâmetros comportamentais que se perfilam na vida das sociedades industriais avançadas.

4) — Observações desta natureza já se encontravam patentes em 1970, no 1º relatório do chamado Clube de Roma. Veja-se, a propósito, a "Introdução" da obra de Donella e Denis Meadows, "Os Limites do crescimento", tradução do inglês por Jorge Correia da Cunha, José Manuel Liberato, Manuel Sebastião e Maria Helena Cordeiro, Pub. Dom Quixote, Lisboa, 1973, p.23/33.

5) — Saliente-se o facto de que a maioria dos heróis gregos (Prometeu, Sísifo Hércules) tinham uma clara consciência da fronteira que separava o humano do divino. Isto não os impede de cumprirem o seu destino, mas sabem também que ao terem ultrapassado os **limites** do seu território, sofrerão as consequências duma punição exemplar. Aliás, encontra-se aqui o germen duma condição antropológicamente trágica!

6) — "Big-Bang" é uma expressão onomatopeica presente nas mais aceites teses da cosmologia e astro-física contemporâneas, quando se pretende formular um conceito que explicita a origem do Universo. O facto de actual-

mente nos encontrarmos numa fase expansivo-dispersiva, supõe um momento inicial hiper-contraído, cuja instabilidade teria originado a explosão matricial subjacente ao actual Cosmos. Veja-se, sobre este assunto, a obra de Steven Weinberg, "Les trois premiers minutes de l'Univers", ed. Seuil, Paris, 1981.

7) — Deste mito pode-se consultar um sucinto mas preciso resumo, no livro de Pierre Grimal, "Dictionnaire de la Mythologie grecque et romaine", P.U.F., Paris, 1963 p. 104/105.